Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Amélia Janny nasceu a 25 de fevereiro de 1841, em Coimbra, fruto de um romance amoroso entre António José Marques Correia Caldeira, com a colegial Maria Herculana da Silva Veiga.

O seu pai biológico, António José Marques Correia Caldeira era natural de Ponte de Lima, na época estudante da Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Direito e foi docente da Faculdade de Direito da mesma universidade. Relevante figura limiana foi descrito por Pinto Osório nas suas "Lembranças da Mocidade" como *Doutor da Faculdade de Direito, Lente da Universidade, Secretário do Conselho de Estado, Conselheiro do Tribunal de Contas, Deputado em muitas legislaturas, Par do Reino, distinto orador parlamentar e, sobretudo, perfeito homem de bem, muito ilustrado e muito ilustre*".

António José Marques Corria Caldeira

Janny viveu sempre com a sua mãe na cidade de Coimbra, que casou logo após o seu nascimento, com o distinto médico Doutor Raimundo Francisco da Gama, que se tornou para ela num verdadeiro pai.

Ao seu padastro, a poetisa dedicou um soneto intitulado ***À Memória***. Consagrou-lhe, também, o poema ***O Médico***, onde retrata a profissão e descreve a sua personalidade, considerando-o "herói sublime e bom, "mártir ignorado", "austero no dever, altivo no seu posto", "o velho sábio, o médico".

Apesar disso, Amélia Janny sempre manteve relações com a família paterna, não temendo a falta de proteção, tendo nascido no seio de uma família abastada com "os mais illustres pergaminhos litterários"[1].

Desde muito cedo que se dedicou à escrita de poesia, herdando o talento literário dos seus tios paternos. *"Amélia Janny herdou o talento literário dos irmãos Caldeiras. É herdeira directa dos talentos de seu tio, o malogrado poeta das Flores da Bíblia. Desde muito nova foi tocada pelas 'Ninfas' da poesia"*[2].

1 OSÓRIO, Pinto (1910) – "*Amélia Janny*" In ***Almanaque de Ponte de Lima*** (4.º ano). Ponte de Lima: Tipografia Confiança. p. 154
2 FIGUEIREDO, Manuel Zolino da Silva (2003) – Amélia Janny: Miscelânia Poética. Coimbra: MinervaCoimbra. ISBN 972-798-086-4. p. 17

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

Amélia Janny por Mário Barradas

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Com apenas 4 anos surgiram as primeiras poesias, numa tarde chuvosa, que ficaram retidas na memória da família:

Ó chuva! cahi, cahi!
Cahi-me na minha mão:
Assim pudera a virtude
Cahir-me no coração1.

Não era, positivamente, uma criança vulgar, que com apenas 4 anos de idade, "estabelecia o paralelo entre a realidade da chuva caindo sobre a sua mão pequenina e a ideia abstracta do cair da virtude «dentro do seu coração»"2.

Sendo reconhecida por várias gerações académicas iniciou a sua vida literária quando foi apresentada a António Feliciano de Castilho, com apenas 14 anos de idade. Feliciano de Castilho prestou-lhe homenagem pública perante vários inteletuais da época e apelidou-a de «Musa do Mondego» ou «Nova Safo», ato que lhe valeu o reconhecimento.

Amélia Janny

Aos 16 anos publicou os seus primeiros versos, com a ajuda de António Lúcio Tavares, no jornal ***Liz***, de Leiria, que posteriormente foram reproduzidos no jornal ***Cysne do Mondego*** pelo seu redator e seu fiel e devoto amigo Augusto César da Silva Mattos, em 11 de maio de 1857, conforme nota do jornal que antecede a poesia "*É com a mais viva satisfação, que abrimos as colunas do nosso jornal aos primeiros voos duma inspiração nascente; mas que já compreende os mais profundos arcanos da poesia".*

Aos 19 anos ingressou na vida artística como declamadora e conferencista.

1 FIGUEIREDO, Manuel Zolino da Silva (2003) – Amélia Janny: Miscelânia Poética. Coimbra: MiervaCoimbra. ISBN 972-798-086-4. p. 18
2 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 17

Amélia Janny

Célebre Poetisa (1841—1914)

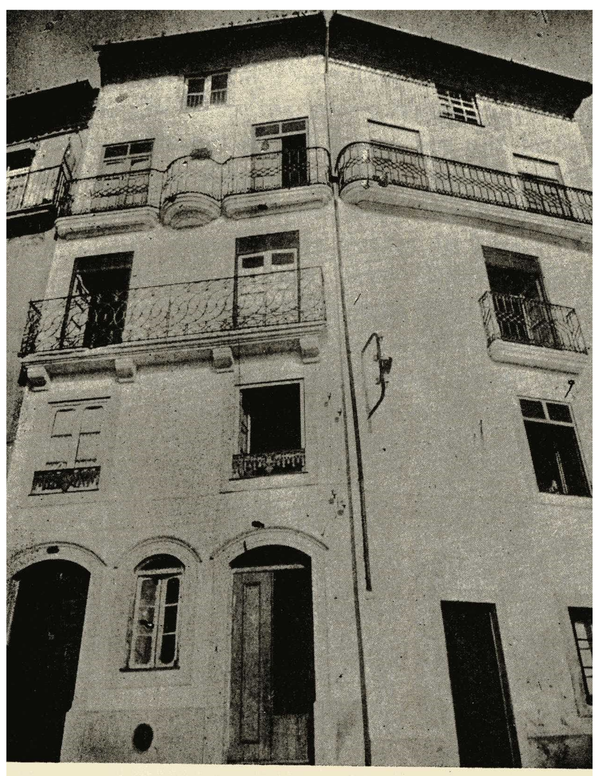
Amélia Janny por Mário Barradas

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Participou ativamente em saraus literários, tertúlias, cerimónias, festas ou comemorações, "álbuns privados e folhetins de imprensa; e a sua casa, na Couraça de Lisboa, constituía um espaço de tertúlia"[1] e convívio entre literatos da época.

Cultivou amizade com escritores como Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga e Tomás Ribeiro. João de Deus dedicou-lhe um poema; e foi retratada primorosamente por Bordalo Pinheiro. Também Teixeira de Pascoais, Alfredo Campos ou Virgínia F. Gersão se pronunciaram sobre a sua extensa obra poética (MARTINS, 2008).

Amélia Janny era detentora do colar do Instituto de Coimbra. Foi sócia do Retiro Literário do Rio de Janeiro, do Grémio Literário do Pará, da Associação dos Artistas de Coimbra e da Sociedade Filantrópica Académica (FIGUEIREDO, 2003).



Casa onde viveu Amélia janny, em Coimbra

Morou na Travessa da Couraça de Lisboa, em Coimbra, tendo em frente o rio Mondego, que inspirou este *Rouxinol do Mondego*[2] na construção das suas delicadas poesias.

Durante toda a sua vida revelou amor pela sua terra, que fez nascer e permanecer grandes laços de amizade.

Ideologicamente, "revela-se monárquica, ao dedicar ao Rei D. Manuel II o poema *Salvé,* datado de 6 de novembro de 1908"[3], aquando da visita do jovem monarca a Coimbra a prometer um reinado duradouro, drasticamente interrompido dois anos depois.

Foi, também, uma figura da Canção de Coimbra. De acordo com Adriano Simões da Silva, Janny era "autora de muitas letras para fados, além de executar muitos fados ao piano" e "organizou saraus onde o fado era cantado pelos dois sexos indistintamente, acompanhados pela própria ao piano e por convidados ao bandolim e violino"[4].

Faleceu no dia 19 de março de 1914, na cidade de Coimbra, solteira e com setenta e três anos de idade.

A morte da poetisa causou uma profunda consternação segundo testemunhos da época.

1 MARTINS, José Cândido de Oliveira (2008) – "*Amélia Janny: poetisa*" In ***Figuras Limianas***. Ponte de Lima: Município de Ponte de Lima. ISBN 978-972-8846-15-2. p. 235
2 Amélia Janny era conhecida por este nome. Houve também quem lhe chamasse *O Cisne do Mondego*
3 VIANA, António Manuel Couto (2005) – ***Poetas Minhotos, poetas do Minho.*** Viana do Castelo: Câmara Municipal. ISBN 972-588-138-9. p. 52
4 Informação retirada do website http://guitarradecoimbra.blogspot.pt/2005/10/viagem-aos-lugares-da-memria-das.html, de autoria de Augusto Alfaiate, de 2005. [em linha]. [Consult. 7 fev. 2014].

Amélia Janny

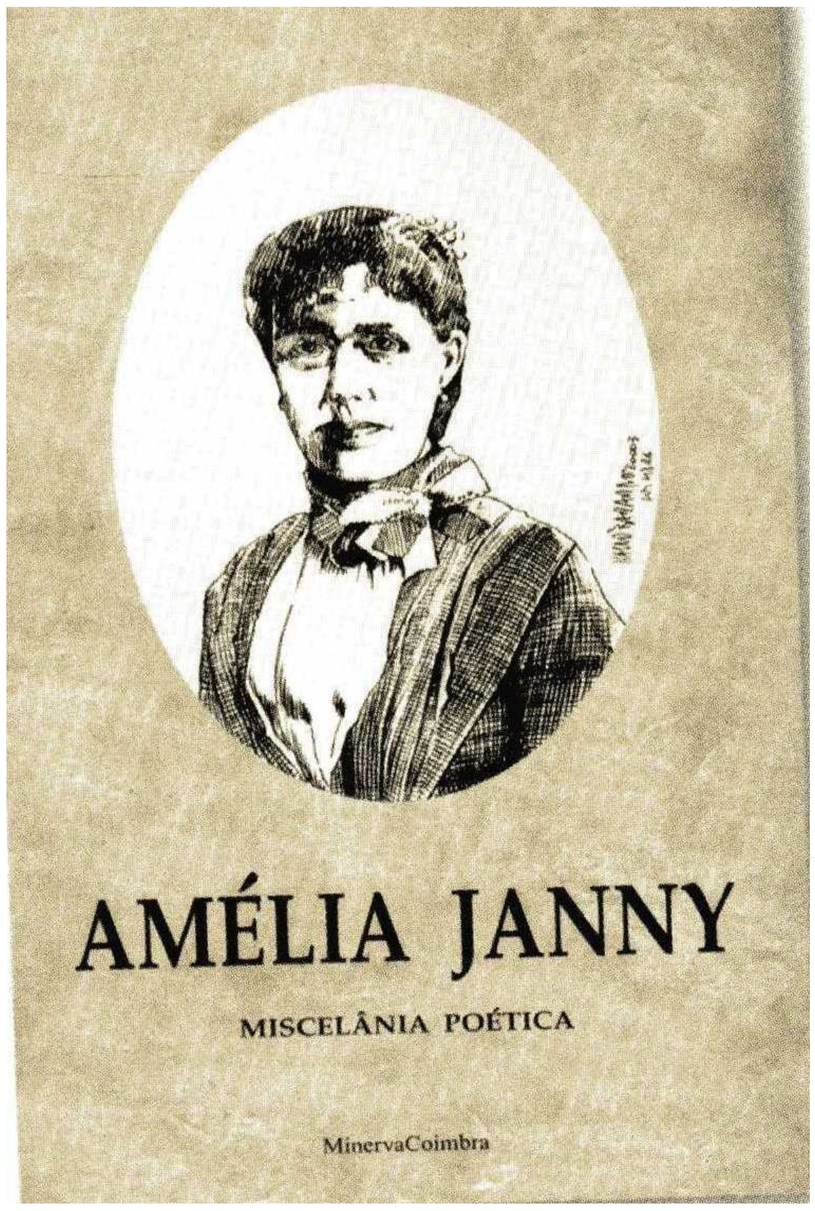
Célebre Poetisa
(1841—1914)

Amélia Janny por Mário Barradas

TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Ainda em vida, foram muitas as pessoas que lhe pediram para publicar em livro os seus versos. No entanto, dispersou por jornais e revistas os seus poemas e não conseguiu reuni-los em obra enquanto estava viva.
Alguns dos seus poemas estão publicados no Cancioneiro de Coimbra.

Após a sua morte vários foram os autores que a enalteceram: Pedro Eurico, em ***Figuras do Passado*** teceu-lhe enormes considerações, referindo-se a Amélia Janny como "inspirada poetisa" e chamando-a de "sacerdotisa do belo". Por sua vez, Mendes dos Remédios, na obra ***História da Literatura Portuguesa***, destacou a beleza dos seus versos, escrevendo " ... A sua musa é tranquila, doce e perfumada, como foi todo o seu viver...". Finalmente, em 2003, Manuel Zolino da Silva Figueiredo reuniu todos os seus versos, dando origem à obra intitulada ***Amélia Janny: Miscelânea Poética***, que dá a conhecer a vida e obra desta autora "com sangue limarense nas veias"[1].
"Viveu a vida do seu tempo, e foi muito feliz, porque soube vivê-la"[2].



Amélia Janny: Miscelânea Poética,: capa do livro de autoria de Manuel Zolino da Silva Figueiredo

O Município de Coimbra prestou-lhe uma justa homenagem dando o seu nome a uma das artérias de Coimbra: Rua Amélia Janny.
Por sua vez na casa onde viveu a poetisa figura uma placa comemorativa. Entre as janelas encontra-se um painel de homenagem a Amélia Janny com a seguinte descrição:

«Amélia Janny

"Poetisa do Mondego"

25 Fev 1842 – 19 Março 1914

Memória – ADDAC – 19 Mar 96»

1 OSÓRIO, Pinto (1910) – "*Amélia Janny*" In ***Almanaque de Ponte de Lima*** (4.º ano). Ponte de Lima: Tipografia Confiança. p. 153
2 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 31

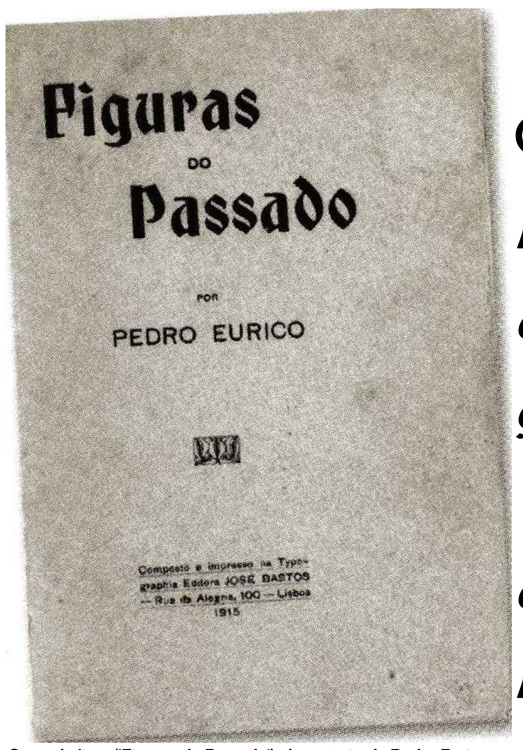
Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

RASGOS DE PERSONALIDADE

Descrita como possuidora de um sentimento artístico e de uma verdadeira inclinação para a poesia, Amélia Janny é também caraterizada pelo primor do seu talento, pela sensibilidade do seu coração, pela sua bondade e inteligência.

No auge da sua mocidade viu-se rodeada de amizades puras e a sua casa tornou-se um verdadeiro centro de cultura, onde se reuniam os intelectuais da época, devido ao seu dom e à sua "inteligência viva. Com a elegância da sua figura e suprema gentileza, sempre unidas à bondade e ao brilho do seu espírito, encantou todos os que por lá passaram, com a sua conversa inteligente e profunda (...) e com a recitação das suas deliciosas poesias, tão sentidas por todos, naquela época de Romantismo, que as lágrimas chegavam a deslizar pelas faces dos que ouviam a sua voz meiga, vibrante e límpida"[1].



Capa do livro "Figuras do Passado", da autoria de Pedro Eurico (pseudónimo do Conselheiro Pinto Osório).

O Conselheiro Pinto Osório, na obra ***Figuras do Passado,*** faz a seguinte descrição "*Era interessantíssimo o seu dizer, cheio de observação e de espírito. Mulher inteligentíssima, dotada de rara memória (...) conhecendo todos os homens distintos das diversas gerações académicas, que nesse largo período, passaram por Coimbra!*
Tinha uma singular atracção aquele ninho de ave canora! Ninho de poesia, de virtude e de bondade! Onde a caridade recebia culto por diversas formas e aparecia nas suas variadas manifestações"[2].

Amélia Janny tinha dentro da sua alma o sol radioso que lhe iluminava o espírito. Em noites de insónia, (...) era esse sol que lhe iluminava os quadros que a sua primorosa pena havia de reproduzir depois (GERSÃO, 1950).
A poetisa era alta e magra, de "sorriso perpétuo" nos lábios e "cabelo grisalho a enfeitar-lhe a testa"[3].
Era descrita aos 50 anos de idade como possuindo alguns cabelos brancos, mal disfarçados e algumas rugas bem definidas, alta, elegante e gentil.

1 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 24
2 EURICO, PEDRO (1915) - ***Figuras do Passado***. Lisboa: Tip. Ed. José Bastos. p. 221
3 Retrato feito em 1896 por Teixeira de Pascoais, retirado da obra "Poetas Minhotos, poetas do Minho2, da autoria de António Manuel Couto Viana, p. 56

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

Amélia Janny por Mário Barradas

RASGOS DE PERSONALIDADE

"Formosa não era, mas a sua voz maviosa, o olhar suave, a maneira delicada supriam as imperfeições do rosto e desde longa data e até à morte foram sempre seu apanágio"[1].

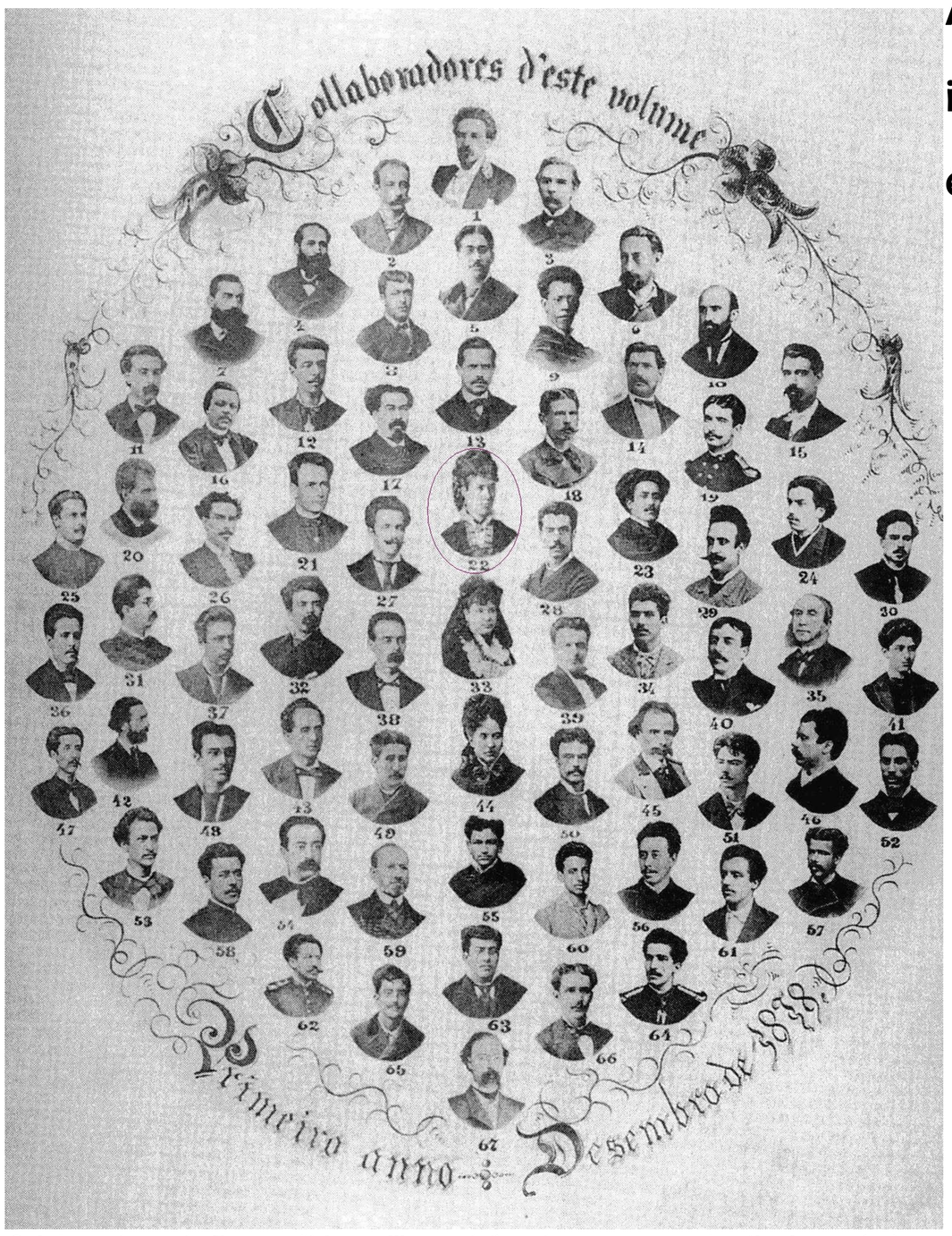
Aos 70 anos "*sem curvar o peito, caminhava erecta e direita, como caminhava antes do vinte, em que a conheci.*

E o seu aprumo moral era como o físico! Tinha uma nobre altivez de sentimentos, que lhe provinha da superioridade do seu espírito e da consciência do seu valor.

Foi uma mulher cheia de uma enorme riqueza moral e intelectual.

Teve no peito um tesouro de nobres afectos e no espírito os mais elevados ideias.

Foi uma alma gentil"[2].



Colaboradores da Revista "Museu Illustrado" onde se encontra Amélia Janny (22)

Alfredo Campos, também, a retratou no álbum literário de 1878 intitulado ***Museu Ilustrado,*** e segundo os padrões literários da época, brindou-a com o seguinte poema:

Amélia Janny

É meiga como as doces harmonias
Dos rouxinóis, na rama vicejante,
Dos choupos do Mondego cintilante,
Em noites de Luar, em flóreos dias.

Ora saudosa como as elegias
Das lágrimas de Inês – a triste amante -
Ora alegre qual poético descante
De festiva aldeã, nas romarias.

Adoro o casto ideal dos sonhos vagos,
As açucenas de íntima fragrância,
A transparência azul dos grandes lagos.

1 VILHENA, João Jardim de (1961) – "*Uma página das minhas Memórias...: Amélia Janny*", in *Separata do «Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol XXV,* Coimbra, [em linha]. [Consult. 7 fev. 2014]. Disponível em WWW:<http://books.google.pt/books?id=MCP9S_JUOCIC&pg=PP1&lpg=PP1&dq=uma+p%C3%A1gina+das+minhas+mem%C3%B3rias%2Bjanny&source=bl&ots=NXReAfgpW&sig=7DR_iMRFWgRSQm Y16O25UVEteI&hl=ptPT&sa=X&ei=wxv1UqX4FZGM7AbOuoH4Ag&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=uma%20p%C3%A1gina%20das%20minhas%20mem%C3%B3rias%2Bjanny&f=false>

2 EURICO, PEDRO (1915) - ***Figuras do Passado***. Lisboa: Tip. Ed. José Bastos. p. 236

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

Amélia Janny por Mário Barradas

A LIGAÇÃO AFETUOSA A PONTE DE LIMA

Afetuosa amiga de Ponte de Lima, consagrou-lhe um admirável poema, que realça a beleza natural desta terra e enaltece o seu amor ao berço paterno. Denominado de ***Ponte de Lima***, dedica os versos "aos seus filhos", onde naturalmente inclui os seus familiares e seu pai, António José Marques Correia Caldeira. Esta poesia foi publicada na *Limiana*, em junho de 1914:

Ponte de Lima

(Aos seus filhos)

Não, não posso esquecer o mago encanto
D'essa terra graciosa e sonhadora,
Onde as horas e o tempo correm tanto,
Onde tudo nos prende e a vida inflora;

Dos montes que se elevam como altares
Onde, perto do céu, Deus nos escuta
A narração dos prantos e pesares
Da vida, na tremenda e eterna luta!

Do Lima preguiçoso e disfarçado,
Mudando de caminho, a cada instante,
Nas curvas serpentinas resguardado
Por margens lindas d'arvoredo ondeante;

Dos Palácios as páginas gloriosas
Da sua, tão autentica, nobreza,
Mantida, sempre, nas acções briosas,
Dos seus filhos no porte e na firmeza.

Bem gravada no intimo do peito,
Bem presa na memória do meu ser
Tenho a data em que a vi! Com que respeito
Invoco d'essa tarde o esmorecer!...

Ponte romana, enegrecida e linda,
Banhada de luar e de poesia,
Quando te atravessei, lembro-me ainda
Como, nervoso, o coração batia!

Passavam auras perfumadas, leves,
E, na paz d'essa noite constelada,
Parecia-me ouvir as notas breves,
Os maviosos sons d'uma Balada!

Foi, talvez, devaneio, essa harmonia,
Efémero prazer diluído em pranto,
Um eco do passado .. a fantasia
Bordando um sonho que eu amara tanto! ..

Amélia Janny

Célebre Poetisa (1841—1914)

A LIGAÇÃO AFETUOSA A PONTE DE LIMA

A poetisa não esqueceu a sua raiz paterna e colaborou com o ***Almanaque de Ponte de Lima***, "livro d'oiro da Ribeira Lima", segundo a opinião de Figueiredo da Guerra [1].

Amélia Janny adorava o rio, que a inspirava nas suas poesias, o rio Mondego, mas também o rio Lima: *Amou também o Lima*[2].

Grande amigo da poetisa, o Conselheiro Pinto Osório visitou-a em Coimbra, e esta manifestou-lhe o desejo de conhecer Ponte de Lima, terra da sua família paterna: « *Tenho a aspiração de conhecer esse Lima, que me não será Lhethes, porque ficará sempre como a mais linda miragem na minha saudade; os esplendores d'essa natureza; a graça d'essa terra amada por quantos a conhecem»*[3].

Vista geral de Ponte de Lima—Aspeto do lado sul

Assim, em setembro de 1910 aceitou o convite do amigo e veio a Ponte de Lima. As maravilhas desta encantadora vila "despertaram no seu peito sentimentos que ela pretendia ocultar. Na poesia, que foi uma das últimas que escreveu e a que deu o nome da terra dos Caldeiras, mostra-nos a sua emoção na «ponte romana», «banhada de luar» quando o coração lhe batia «nervoso»" [4].

Palácio de Bertiandos: entrada principal

Durante os dias que passou em Ponte de Lima conquistou a admiração e a simpatia de diversas pessoas, incluindo pessoas distintas da terra, nomeadamente o Conde e a Condessa de Bertiandos que "muito expressivamente lhe manifestaram a sua simpatia" (EURICO, 1915).

Visitou variados locais, passeou na "ponte romana" e fez uma pequena digressão até Ponte da Barca e também aos Arcos de Val de Vez, admirando a paisagem e a beleza do rio.

1 VIANA, António Manuel Couto (2005) -***Poetas Minhotos, poetas do Minho.*** Viana do Castelo: Câmara Municipal. ISBN 972-588-138-9. p. 53
2 EURICO, PEDRO (1915) - ***Figuras do Passado***. Lisboa: Tip. Ed. José Bastos. p. 232
3 Carta de Amélia Janny dirigida ao amigo Conselheiro Pinto Osório, datada de 3 de Setembro de 1910.
4 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 53

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

POESIAS NOTÁVEIS

As poesias de Janny são compostas, essencialmente, por versos escritos para festas, hinos, inaugurações, álbuns femininos, comemorações e iniciativas culturais.

No entanto, apresenta poemas com "momentos altos de lirismo, de sete quadras, ao gosto popular" (VIANA, 2005).

Compõe, também, sonetos dedicados ao mais íntimo dos sentimentos - O Amor -, apresentando harmoniosos versos onde sobressai o mais puro e sublime dos afetos – O amor à Mãe:

Aos annos de minha Mãe

A ti, que debruçada no meu berço,
Por noites de amargura e de agonia,
Velaste, coração em dor submerso,
Abrazada na febre em que eu ardia;

A ti, que me ensinaste, entre mil beijos,
A louvar o Senhor, em cada aurora,
Que encerraste as esperanças e os desejos
Em ver-me alegre e forte d'hora em hora;

A ti, que da affeição fazendo escudo,
Affrontaste o rigor de atroz destino,
Que ao deixares, por mim, família e tudo
O teu seio de mãe soltava um hymno;

A ti, ó minha Mãe! martyr obscura,
Que percorreste a via dolorosa,
Forte do teu amor, com mão segura,
A amparar-me, a sorrir-me, carinhosa;

(...)

A ti, no dia dos teus annos, dera
A alegria, que em prantos consumiste,
Os folguedos da tua primavera,

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

Amélia Janny por Mário Barradas

POESIAS NOTÁVEIS

Cantava os íntimos sentimentos, como no soneto abaixo apresentado, mas dedicava, também, cânticos à Pátria e aos grandes nomes da história portuguesa – A Camões:

A Camões

Nós vêmo-lo surgir, heróico, austero, grande,
Envolto n'essa luz que só o génio tem,
E ao contempla-lo assim, o coração se expande,
E rende-se ao poder que d'esse vulto vem.

Três séculos depois, mais viva, mais intensa
Resplende e maravilha a gloria de Camões,
Herança collosal d'uma grandeza immensa,
Que cada geração transmitte às gerações.

No seu poema enorme, em cantos magestosos,
Descobra-se o valor do povo portuguez,
Deslumbra, ao descrever em versos assombrosos,
O fero Adamastor e a desitosa Ignez.

Soffreu como nimguem, luctou com um gigante.
Um malfadado amor... rasgou-lhe o coração,
E pôde, ao naufragar, exhausto, agonisante,
Salvar o seu paiz, erguendo uma só mão!

É que essa mão continha a historia nunca lida
Dos brios nacionaes, dos feitos d'além mar.
D'essas victorias mil d'uma nação, erguida
Ao máximo explendor que é dado conquistar.

E, salvo o seu poema, a morte era o repouso,
Era a alvorada amiga, era a suprema luz,
Era a Ventura, emfim, o ambicionado goso,
De quem, sem murmurar, levará a sua cruz!

Previu, prophetisou a queda vergonhosa
Da pátria, a quem legara os cantos divinaes,
E ao expirar, talvez de fome, luminosa
A gloria lhe cingia as vestes immortaes!

SONETO

Teu coração foi meu – vamos, confessa,
Que nunca amas-te outra mulher assim...
- Só Deus não tem principio nem fim;
- Mas finda tudo o mais porque começa.

Negar quanto te amei, ninguém mo peça,
Quantas vezes te vi, junto de mim,
A voz tremente, murmurando um sim
Frágil certeza de fugaz promessa!

Mas se tudo passou, se dessa aurora
Fúlgida e linda só fica a escura
Cerrada noite em que me vejo agora.

Nesta pena cruel, inda há ventura,
Que ainda gozo se a minha alma chora
Nesta saudade, que, a sorrir, tortura.

Coimbra, 1902

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

POESIAS NOTÁVEIS

Entre tantas composições damos a conhecer a que a poetisa consagrou à sua confidente e amiga – A poesia

À Poesia

Poesia! Eu te amo, confidente e amiga,
Com quem minha alma se entrelaça e chora!
Tu, que és nas trevas de veladas noites,
A estrella d'alva precedendo a aurora.

No teu regaço descançando a fronte,
Sorri-me a crença de um melhor viver;
Olvido tudo que me oprime; e goso
Com teus afagos divinal prazer.

Fogem-me as débeis affeições da terra,
Que a aragem fria da traição balança;
E ao vê-las todas resvalar no abysmo,
Sinto com ellas fenecer a esperança.

Então surgindo luminosa e bella,
Deixando em ondas fluctuar o véu,
Tu vens n'um beijo, que me enxuga o pranto,
Roubar-me á terra, recordar-me o céu!

Ruge a calumnia a tripudiar maldicta,
Por sobre as rosas do sentir mais puro
Curvada ao peso de um sofrer cruento
A paz d'esta alma nas soidões procuro.

Mas tu despontas magestosa e altiva,
E a um leve aceno da nevada mão,
O desalento desparece; e eu fito
A lisa estrada que diviso então.

Poesia! Eu te amo! Por caladas noites,
Quando entre folhas se adormece a aragem,
E a lua passa no cristal do rio
Em longos beijos reflectindo a imagem;

Quando exaurida me descai a fronte
E no futuro, desolada, cismo,
Sem que uma esperança me illumine a vida,
Sem ter a força de encarar o abysmo;

É então que as azas, desprendendo rápidas,
Fendendo o espaço, qual subtil vapor,
Vens dar-me a fé, que se extinguira em lágrimas,
E a doce crença que murchava em flor.

Visão querida, que anciosa invoco,
Se um dia perco teu materno abrigo,
N'essa hora, solta dos terrenos laços,
Livre, minha alma voará comtigo!

Da consciência no pálido espelho
Revejo as cenas de um viver formoso,
Sem que uma culpa lhe assombrasse o brilho,
Ou negra mancha lhe empanasse o gozo.

E tu, sorrindo, graciosa e linda,
Dos negros olhos na divina luz,
Dás-me a ventura que me nega o mundo,
Ergues ditosa quem vergava à Cruz!

Amélia Janny

Célebre Poetisa (1841—1914)

Amélia Janny por Mário Barradas

TESTEMUNHOS DE UMA ÉPOCA

São vários os intelectuais da época que lhe prestaram homenagem, elogiaram o seu trabalho e "atestaram a consideração, carinho, respeito e admiração, não só à mulher como à poetisa."[1]

Em 1875, **Camilo Castelo Branco** referiu a um amigo «*Vou ouvir, ao romper de alva, trinar a Amélia Janny nos sinceirais do Mondego.*»[2]

Camilo Castelo Branco

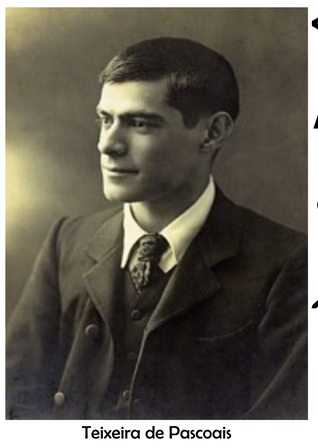
João de Deus exaltou-a na seguinte poesia, da qual se apresenta um pequeno excerto:

Oh Janny, teus ais me exaltam;

Partem d'alma e n'alma ecoam;

João de Deus

Teixeira de Pascoais descreveu-a em *O Penitente*, após a ter conhecido em 1896:



Teixeira de Pascoais

«*Passou por mim, na Couraça de Lisboa, alta e magra, (...) sorriso perpétuo dos seus lábios. Era mais que um sorriso, era ela – uma sílfide, de cabelo grisalho a enfeitar-lhe as rugas da testa alevantada na direcção do Parnosos, donde as musas enviam a inspiração aos seus eleitos cá de baixo*».

Antero de Quental expõe no volume I de *Prosas* a seguinte apreciação:

«*(...) até a mimosa Poetisa, o rouxinol destes salgueirais, ofereceu por sua mão um cântaro à academia folgozã. E era realmente um cântaro cheio de magia e feitiços!*»

Antero de Quental

Alfredo de Campos elogia-a, em 1878, no álbum literário intitulado *Museu Ilustrado*, com as seguintes versos:

É meiga como as doces harmonias

(...)

Tem na frase os primores da elegância

1 FIGUEIREDO, Manuel Zolino da Silva (2003) - ***Amélia Janny: Miscelânia Poética.*** Coimbra: MinervaCoimbra. ISBN 972-798-086-4. p. 20

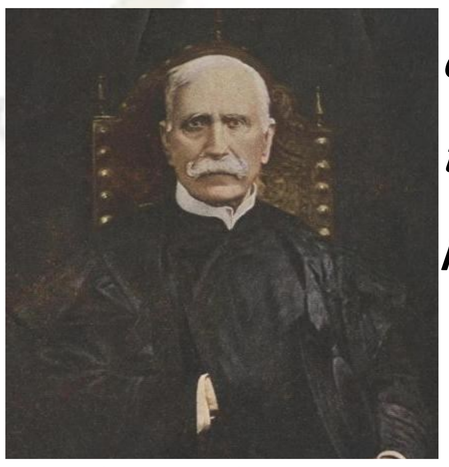
2 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 21

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

TESTEMUNHOS DE UMA ÉPOCA

O **Conselheiro Pinto Osório** considerou-a uma nobre mulher e uma inspiradora poetisa. Na obra ***Figuras do Passado*** enaltece-a escrevendo «... *Amélia janny, que é uma sacerdotisa do belo; que tendo em si o fogo sagrado da poesia, se elva, nas asas do seu génio, a alturas onde a não posso seguir?!...*»


Conselheiro Pinto Osório

António Feliciano de Castilho

António Feliciano de Castilho, que a apresentou ao público, diz: «*Até como que simbolizando a Musa do Mondego, uma gentil Poetisa veio, nova Safo, merecer neste certame coroa de louros e murta. (...) com os teus donosos vinte anos, todos em flor! Com a tua voz suave e tímida, como aroma exalado da tua alma! Amélia Janny, perdoa se hoje, diante de maior público, te renovo os meus aplausos.*»

Bordalo Pinheiro

Também **Bordalo Pinheiro** a louvou e fez-lhe um admirável retrato à pena.

Foi apreciada por muitas outras pessoas que lhe teceram expressivas considerações, nomeadamente através de dedicatórias nos livros da sua biblioteca, fazendo referência ao seu talento, à sua inteligência e à sua bondade.

Amélia Janny

Célebre Poetisa
(1841—1914)

DISTINTA CONFERENCISTA E EXIMIA DECLAMADORA

Amélia Janny evidenciou-se pela declamação de poemas em saraus e festas, em salões privados e teatros, em comemorações nacionais e em efemérides locais. Convidavam-na a participar em várias iniciativas culturais e eventos sociais para os quais preparava sempre uma poesia para recitar.

Desde 1860, que em todas as festas de caridade, manifestações culturais, quer no teatro, quer nas salas de conferências, no Instituto, na Associação dos Artistas a sua voz é ouvida atentamente: *A sua inspiração arranca sempre aplausos, e é escutada com entusiasmo comovente porque o seu talento impõe-se, e sabe sempre interpretar os sentimentos da mocidade.* [1]

Amélia janny

No Grémio Literário de Lisboa a afluência de eruditos e famílias ilustres para ouvir a poetisa foi tão grande "que centenas de pessoas não tiveram lugar, sendo obrigadas a retirar-se."[2]

Em 1862, no Teatro Académico surge "simpática e tímida, pela mão de Castilho, a senhora D. Amélia Janny. A harmonia dos seus versos, a recitação, a suavidade da sua voz encantaram a irrequieta assembleia, que a premiou com palmas e homenagens."[3]

Os jornais da época descrevem que "os homens se acomodavam à entrada, trepados a cadeiras, quase dependurados das bandeiras das portas, cada qual como podia" pois "valia a pena qualquer sacrifício para ouvir recitar versos de Amélia Janny."[4]

Em 1880, por ocasião das festas do centenário de Camões, recitou no Teatro Académico de Coimbra, completamente cheio, a sua poesia *Pátria*, obra-prima de patriotismo, que se distribuiu impressa pelos espetadores.

A sua recitação impecável dominava a multidão que a ouvia. Janny nunca negava qualquer pedido de colaboração.

Era apreciadíssima pela sua pureza, pela sua simplicidade, pela facilidade com que se exprimia, pelo modo como sabia dirigir-se ao coração de todos (GERSÃO,1950).

1 *Gazeta de Coimbra,* 21 de março de 1914
2 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 28
3 OSÓRIO, Pinto (1910) - "Amélia Janny" In ***Almanaque de Ponte de Lima*** (4.º ano). Ponte de Lima: Tipografia Confiança. p. 157
4 GERSÃO, Virgínia Faria (1950) – "Amélia Janny: Conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950: com uma antologia da poetisa". Coimbra: Instituto de Coimbra. p. 29